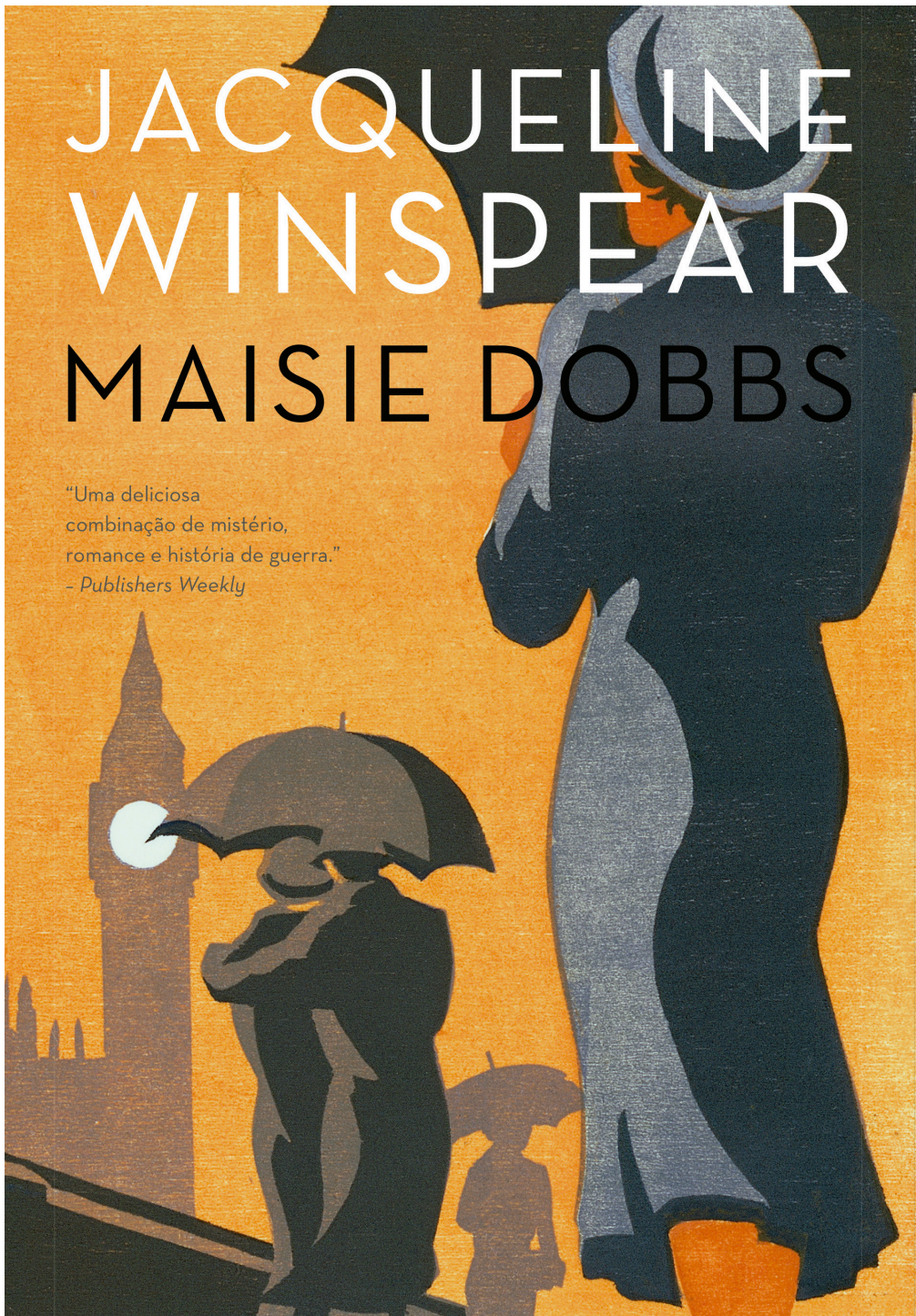


JACQUELINE WINSPEAR MAISIE DOBBS

"Uma deliciosa
combinação de mistério,
romance e história de guerra."
- *Publishers Weekly*



MAISIE DOBBS

Título original: *Maisie Dobbs*
Copyright © 2003, 2014 por Jacqueline Winspear
Trecho de *Birds of a Feather* © 2004, 2015 por Jacqueline Winspear
Copyright da tradução © 2022 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado em acordo com a Soho Press por meio da International Editors' Co.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Reprodução do trecho de “Disabled” por Wilfred Owen, de
The Collected Poems of Wilfred Owen, © 1963 por Chatto & Windus Ltd.,
autorizada pela New Directions Publishing Corp.

tradução: Nina Schipper
preparo de originais: Milena Vargas
revisão: Midori Hatai e Rayana Faria
projeto gráfico e diagramação: Natali Nabekura
capa: Helen Yentus
imagem de capa: Andrew Davidson
adaptação de capa: Renata Vidal
impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W744m

Winspear, Jacqueline, 1955-
Maisie Dobbs / Jacqueline Winspear ; tradução Nina
Schipper. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2022.
304 p. ; 23 cm. (Maisie Dobbs ; 1)

Tradução de: Maisie Dobbs
Continua com: O caso das penas brancas
ISBN 978-65-5565-268-0

1. Ficção inglesa. I. Schipper, Nina. II. Título. III. Série.

22-75397

CDD: 823
CDU: 82-3(410.1)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Este livro é dedicado à memória do meu avô paterno
e da minha avó materna*



JOHN “JACK” WINSPEAR sofreu graves ferimentos na perna durante a Batalha do Somme, em julho de 1916. Após se recuperar, ele retomou seu trabalho como verdureiro ambulante no sudeste de Londres.

CLARA FRANCES CLARK, nascida Atterbury, trabalhou na fabricação de munições no arsenal de Woolwich durante a Primeira Guerra Mundial. Ela perdeu parcialmente a visão em uma explosão que vitimou várias jovens que trabalhavam com ela na mesma seção. Mais tarde, Clara se casou e teve dez filhos.

Agora, ele passará alguns anos doente em hospitais
E fará aquilo que as regras considerarem prudente,
E terá sua porção da comiseração que possam repartir.
Hoje à noite ele notou como os olhos das mulheres
Passaram dele aos homens fortes que estavam inteiros.
Como faz frio e está tarde! Por que eles não vêm
E o colocam para dormir? Por que eles não vêm?

Trecho final de “Disabled”, de Wilfred Owen. O poema foi escrito em Craiglockhart, hospital para oficiais com estresse pós-traumático, em outubro de 1917. Owen foi morto em 4 de novembro de 1918, apenas uma semana antes do armistício.



PRIMAVERA DE 1929

CAPÍTULO 1



Mesmo que ela não tivesse sido a última pessoa a atravessar a catraca da estação de metrô na Warren Street, Jack Barker teria notado a mulher alta e esbelta de sobretudo azul-marinho combinando com uma saia plissada e curta o bastante para revelar tornozelos torneados. Ela tinha o que sua velha mãe teria chamado de “postura”. Um jeito de andar, com os ombros para trás e a cabeça erguida enquanto vestia as luvas pretas e ao mesmo tempo segurava uma pasta de documentos preta um tanto surrada.

– Dinheiro de família – murmurou Jack consigo mesmo. – Esnobismo desnecessário.

Jack esperava que a mulher passasse por ele, então bateu os pés na tentativa inútil de espantar o frio cortante que aos poucos subia por suas botas. Ele juntou uma meia dúzia de exemplares do *Daily Express* em um dos braços, prevendo a freada brusca de um táxi e a mão que se estenderia com as moedas necessárias.

– Ah, pare. Me dê um *Express*, por favor, querido? – pediu uma voz suave como uma colherada de melado.

O jornalista ergueu o olhar devagar, fitando diretamente os olhos da cor da meia-noite no verão, uma tonalidade intensa que lhe pareceu mais escura que o azul. Ela lhe entregou o dinheiro.

– É claro, senhorita, aqui está. Um pouco fria esta manhã, não?

Ela sorriu e, enquanto pegava o jornal antes de se virar para ir embora, respondeu:

– Com certeza. Um frio de congelar os ossos. Você deveria ir logo tomar uma boa xícara de chá.

Jack não sabia ao certo por que observou a mulher percorrer todo o caminho que ia da Warren Street até a Fitzroy Square. Mas de uma coisa ele sabia: ela até podia ter postura, porém, pelo jeito informal como se dirigiu a ele, com certeza não vinha de uma família rica tradicional.

No fim da Warren Street, Maisie Dobbs parou diante da porta preta de uma casa geminada georgiana um tanto dilapidada, enfiou o *Daily Express* sob o braço esquerdo, abriu a pasta de documentos com cuidado e retirou um envelope contendo uma carta de seu senhorio e duas chaves. A carta a instruíra a dar um bom empurrão na porta externa depois de girar a chave na fechadura, acender com cuidado a lâmpada a gás ao pé da escada, prestar atenção no último degrau do primeiro lance – alguém precisava dar uma olhada nele – e se lembrar de trancar sua porta antes de sair ao anoitecer. A carta também dizia que Billy Beale, o zelador, colocaria uma placa com seu nome na porta caso ela quisesse – ou talvez ela preferisse permanecer anônima, sugeria.

Maisie abriu um largo sorriso. *Eu preciso de clientes, pensou. Não estou aqui para ficar no anonimato.*

Maisie suspeitava que o Sr. Sharp, o senhorio, não tinha a mente lá muito aguçada, e cada vez que eles se encontrassem ele faria perguntas cujas respostas eram óbvias. No entanto, suas orientações eram oportunas: a porta de fato necessitava de um empurrão, mas a lâmpada a gás, uma vez acesa, dificilmente atenuaria a escuridão almiscarada da escadaria. Estava evidente que algumas coisas ali precisariam ser modificadas, mas tudo a seu tempo. No momento, Maisie tinha trabalho a fazer, ainda que não tivesse casos concretos para resolver.

Prestando atenção no último degrau, Maisie virou à direita no patamar e se dirigiu para a porta pintada de marrom à esquerda, com uma janela de vidro fosco e uma placa de ALUGA-SE pendendo da maçaneta. Ela removeu a placa, introduziu a chave na fechadura, abriu a porta e respirou fundo antes de entrar em seu novo escritório. Era uma sala única com lareira a gás, lâmpadas a gás em todas as paredes e uma janela de guilhotina com vista para o prédio do outro lado da rua e os telhados mais adiante. Havia uma mesa de carvalho que combinava com uma cadeira de estabilidade duvidosa, além de um velho arquivo do lado direito da janela.

Lady Rowan Compton, sua benfeitora e antiga empregadora, estava

certa: Warren Street não era uma área particularmente salubre. Mas, se aproveitasse bem a oportunidade, Maisie poderia arcar com o aluguel e lhe sobraria algum dinheiro da quantia que ela se permitira sacar de suas economias. Não desejava um escritório sofisticado, mas também não queria uma verdadeira pocilga. Não, ela queria algo intermediário, acessível, central, mas não bem no meio do burburinho. De certa forma, Maisie se sentia reconfortada nesse pequeno recanto de Bloomsbury. Diziam que ali se podia sentar para tomar chá com quase qualquer um em torno da Fitzroy Square e jantar à mesma mesa com uma condessa e um carpinteiro, os dois à vontade na companhia um do outro. Sim, Warren Street serviria por enquanto. O complicado seria a placa com o nome. Ela ainda não havia resolvido esse problema.

Lady Rowan perguntara:

– Então, minha querida, como você vai se chamar? Quer dizer, todo mundo sabe o que você faz, mas qual será seu nome comercial? Você não pode anunciar o óbvio: “Encontro pessoas desaparecidas, mortas ou vivas, mesmo que estejam procurando a si mesmas” não dá conta do recado. Temos que pensar em alguma coisa sucinta, algo que faça jus a seus talentos únicos.

– Eu estava pensando em “Investigações discretas”, lady Rowan. O que a senhora acha?

– Mas isso não diz a ninguém como você usa sua mente, minha querida, o que realmente faz.

– Não é bem a minha mente que uso, é a das outras pessoas. Eu só faço as perguntas.

– Tolice! Que tal “Investigações cerebrais discretas”?

Maisie sorria para lady Rowan, erguendo uma das sobrancelhas com desânimo fingido diante da sugestão. Ela estava à vontade, sentada diante da lareira na biblioteca de sua antiga patroa, uma lareira que ela havia limpado com as mãos esfoladas e ásperas pela tarefa doméstica, mãos de uma empregada em serviço.

– Não, eu não sou uma cirurgiã do cérebro. Vou pensar mais um pouco, lady Rowan. Quero escolher o nome certo.

A aristocrata grisalha se inclinara e dera um tapinha no joelho de Maisie.

– Tenho certeza de que, independentemente do que decidir, você vai se sair muito bem, minha querida. Muito bem mesmo.

Foi assim que, quando Billy Beale, o zelador, bateu à porta uma semana depois de Maisie se mudar para o escritório da Warren Street, perguntando se havia uma placa de identificação para colocar na porta da frente, ela lhe entregou uma de latão com as palavras “M. Dobbs. Investigações pessoais e comerciais”.

– Onde quer a placa, senhorita? Lado esquerdo ou direito da porta?

Ele inclinou a cabeça muito ligeiramente para um lado ao se dirigir a ela. Billy tinha cerca de 30 anos, quase 1,80 metro de altura, era musculoso e forte, com os cabelos da cor do trigo reluzindo ao sol. Ele parecia ágil, mas se esforçava para disfarçar um coxear que Maisie logo havia notado.

– Onde os outros nomes foram colocados?

– À esquerda, senhorita, mas eu não colocaria ali.

– Ah, e por que não, Sr. Beale?

– Billy. Pode me chamar de Billy. Bem, as pessoas não olham para a esquerda, não é? Não quando estão usando a maçaneta, que fica à direita. É para onde os olhos vão de imediato quando elas sobem os degraus, primeiro para aquela cabeça de leão no batedor da porta, depois para a maçaneta, que fica à direita. Melhor botar a placa na direita. Isso se a senhorita quiser clientes.

– Bem, Sr. Beale, vamos colocar a placa à direita, então. Muito obrigada.

– Billy, senhorita. Pode me chamar de Billy.

Billy Beale foi afixar a placa de latão. Maisie suspirou profundamente e esfregou o pescoço no lugar em que a preocupação sempre se instalava.

– Senhorita...

Billy enfiou a cabeça na sala, dando uma batidinha no vidro com hesitação enquanto tirava a boina.

– O que é, Sr. Beale?

– Billy, senhorita. Posso dar uma palavrinha?

– Sim, entre. O que é?

– Será que eu poderia fazer uma pergunta? Do tipo pessoal. – Sem esperar pela resposta, Billy continuou: – A senhorita foi enfermeira? Em um posto de tratamento de feridos de guerra? Fora de Bailleul?

Maisie sentiu uma pontada de emoção e, por instinto, pôs a mão direita sobre o peito, mas sua atitude e suas palavras aparentavam tranquilidade.

– Sim. Sim, eu fui.

– Eu sabia! – exclamou Billy, batendo com a boina nos joelhos. – Soube no instante em que vi seus olhos. É a única coisa que lembro depois de me levarem para lá. Esses seus olhos, senhorita. O doutor disse para eu me concentrar em alguma coisa enquanto vocês cuidavam da minha perna. Então olhei para os seus olhos. A senhorita e ele salvaram minha perna. Cheia de estilhaços, mas conseguiram, não é? Qual era o nome dele mesmo?

Por um momento, Maisie sentiu um nó na garganta. Então ela engoliu com dificuldade.

– Simon Lynch. Capitão Simon Lynch. Deve ser dele que você está falando.

– Eu nunca a esqueci, senhorita. Nunca. Salvou a minha vida, salvou mesmo.

Maisie assentiu, esforçando-se para manter as lembranças no lugar que havia designado para elas em seu coração, para serem tiradas dali apenas quando permitisse.

– Bem, senhorita, qualquer coisa que quiser, a qualquer hora, é só gritar. Estou às ordens! Golpe de sorte encontrá-la de novo, não é? Espere até eu contar para a patroa. Se precisar de qualquer coisa, me chame. Qualquer coisa.

– Obrigada. Muito obrigada. Eu aviso se precisar de algo. Ah, e senhor... Billy, obrigada por instalar a placa.

Billy Beale corou e assentiu, cobriu o cabelo lustroso com a boina e deixou o escritório.

Sortuda, pensou Maisie. *Com exceção da guerra, tive uma vida afortunada até aqui.* Ela se sentou na cadeira de carvalho de aparência duvidosa, tirou os sapatos e massageou os pés. Pés que ainda sentiam o frio, a umidade, a sujeira e o sangue da França. Pés que não ficavam aquecidos havia doze anos, desde 1917.

Ela se lembrou de Simon no que agora parecia outra vida, sentado sob uma árvore no Parque Nacional South Downs, em Sussex. Eles estavam de folga ao mesmo tempo. Não um milagre, claro, mas algo difícil de arranjar, a menos que você tivesse contatos e que esses contatos fizessem diferença. Era um dia quente, mas não os levava inteiramente para longe do combate, porque ainda podiam ouvir a reverberação intensa do bombardeio no campo de batalha do outro lado do Canal da Mancha, um som ameaçador

que não se atenuava pela vastidão de terra e mar. Maisie reclamara que a umidade da França nunca sairia dela, e Simon, sorrindo, havia tirado seus sapatos de passeio para massagear e aquecer os pés dela.

– Por Deus, mulher, como alguém pode estar gelado desse jeito e não estar morto?

Os dois riram e depois ficaram em silêncio. A morte, em tempos como aqueles, não era motivo de riso.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

